



Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajatórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em transformação

Série
Território
Científico

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Telma Bessa Sales é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará e Doutorado em Geografia pela UECE. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em
transformação



Sobral - CE
2024

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Trajetórias de pesquisa - Os mundos do trabalho em transformação

© 2024 copyright by Telma Bessa Sales, Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Juliana Magalhães Linhares
Cícero João da Costa Filho
Regina Celi Fonseca Raick
Andreia Rodrigues de Andrade

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

T765 Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação. /
Organizado por Telma Bessa Sales, Antonio Jerfson Lins de Freitas. -
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

274p.

ISBN: 978-65-5421-130-7 - papel
ISBN: 978-65-5421-131-4 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211314-2024

1. Pesquisa.
2. Ensino.
3. Trabalhos- Novas perspectivas.4. Sistemas de trabalho.
1. Sales, Telma Bessa. II. Freitas, Antonio Jerfson Lins de. III. Título.

CDD 331.117

A série Território Científico

Marco Machado

Jerfson Lins

Editora SertãoCult

Quando o Projeto Território Científico foi concebido há mais de quatro anos, as incertezas sobre o que a pandemia da Covid-19 nos traria eram muitas. O futuro era opaco para previsões otimistas diante do quadro de milhares de mortos diariamente, apenas no Brasil.

Mas se o contexto era absolutamente assustador, pelo menos pudemos ter confirmada a resiliência dos pesquisadores brasileiros, que apesar de imersos em um cenário de carência de recursos financeiros e técnicos, ousaram produzir como nunca, adequando-se àquela realidade, aprendendo a utilizar as ferramentas e tecnologias de informação e comunicação, paradoxalmente ficando ainda mais próximos do que antes da clausura imposta pelo vírus.

A tsunami de lives e eventos virtuais passou assim como chegou. O cansaço de assistir a intermináveis sessões diante das telas cobrou seu preço e a busca pelo contato físico suplantou o medo de sair às ruas. Parece que havia sido em outra vida que podíamos reunir centenas de pessoas em um auditório para discutir alguma pesquisa, ou simplesmente reunir meia dúzia de amigos ao redor de uma mesa para conversar sobre assuntos banais.

Parece que foi em outra vida também que, a partir da série Território Científico, a editora SertãoCult convidou os membros de seu conselho para organizarem entrevistas com renomados pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Muito material foi gerado a partir de tal iniciativa, um riquíssimo acervo que já originou quatro livros e agora traz à luz mais um volume, *Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação*.

Em mais uma parceria, Telma Bessa e Jerfson Lins reuniram grandes pensadores, de diversas universidades, para falarem sobre o mundo do trabalho, sobre suas carreiras e pesquisas. Mais do que uma aula sobre a realidade vivida pelo trabalhador no século XXI, este livro nos permite enxergar o mundo com os olhos treinados de alguns dos mais respeitados pesquisadores da temática.

Foram, com este, cinco grandes livros produzidos e disponibilizados gratuitamente em formato e-book no escopo do projeto. Foram dezenas de entrevistadores e entrevistados e horas de conteúdo, fontes imprescindíveis para jovens pesquisadores interessados em um aprender com quem realmente sabe sobre o tema.

Brindemos a mais este sucesso! Outros estão a caminho.

Sobral-CE, abril de 2024.

Apresentação

Há três anos nadamos nas águas profundas e agitadas enfrentando a pandemia da Covid-19 (2020-2021) no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a crise sanitária foi acompanhada de uma crise política, econômica e social que expressou arroubos autoritários, posturas negacionistas e desrespeito aos direitos trabalhistas, direitos humanos, direitos de mulheres etc.

Nesses dias de tempestades de uma demora de três anos, a criatividade, a imaginação, a leveza e o uso das tecnologias informacionais e digitais adentraram em nossas casas e até hoje compõem a maneira de realizar trabalho (no universo acadêmico, por exemplo) e entretenimento.

Navegando nesse mar revolto, criamos plataformas com lives, debates, entrevistas e livros. Este, que você tem em mãos agora, é fruto dessa conjuntura, do desejo de manutenção de relações e vínculos com professores e alunos do país. É possível hoje conhecer as narrativas de intelectuais estudiosos(as) do Brasil, que se colocaram disponíveis para veicular suas trajetórias no período pandêmico do século XXI, especialmente com a temática da pesquisa sobre os mundos do trabalho.

Gratidão é a palavra que cabe para todos(as) que construíram este livro. Agradecer pelo diálogo, aprendizado, dedicação e paciência antes, durante e depois das entrevistas filmadas e que você pode verificar a partir dos links disponíveis em cada narrativa.

Boa leitura e debates a partir da categoria *trabalho*, que continua provocador e contribui na revitalização do pensamento histórico e das ciências sociais/humanas.

Os organizadores

Sumário

O trabalho continua central na sociedade..... 11

Roberto Vêras de Oliveira – UFPB

Uma visão interdisciplinar sobre o trabalho no século XXI..... 15

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40

Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson..... 23

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p42-70

Trabalho e gênero: entrevista com Helena Hirata..... 43

Helena Hirata

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94

“As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume..... 71

Luiz Henrique dos Santos Blume

Cosma Silva de Araújo

Fannuel Santos Mesquita

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125

Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite.....97

Márcia de Paula Leite

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138

Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales..... 127

Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Joannes Paulus Silva Forte

Doi: 10.35260/54211314-2024.p140-165

Os sujeitos na luta pela terra: entrevista com Samuel Maupeou.....141

Samuel Maupeou
Telma Bessa Sales
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p166-186

O sindicalismo e o mundo do trabalho: entrevista com Marcelo Badaró Mattos.....167

Marcelo Badaró Mattos
Cosma Silva de Araújo
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p188-206

“Não dá para pensar a sociedade sem trabalho”: entrevista com Clarice Speranza..... 189

Clarice Gontarski Speranza
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p208-222

Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi..... 209

Antonio de Pádua Bosi
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p224-242

“Boas questões fazem boas pesquisas”: entrevista com Fabiane Popinigis.....225

Fabiane Popinigis
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265

“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello.....245

William James Mello
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Índice Remissivo.....267

Entrevistadores..... 273

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265



William James Mello é graduado em História (Empire State College, 1996), com mestrado em História e Ciência Política (New School for Social Research, 1998) e doutorado em História e Ciência Política (New School for Social Research, 2003). Atualmente é professor de Estudos de Trabalho na Indiana University, professor afiliado do Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS) e no Brazilian Studies Program da Indiana University.

“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello¹

William James Mello

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Cosma Silva de Araújo

Telma Bessa (UVA): Quais as suas motivações para abraçar a temática do trabalho? O senhor poderia falar um pouco sobre sua trajetória de pesquisa?

William Mello (IU): Devido à minha história pessoal, seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho. Eu nasci em uma família de operários ativistas políticos, ativistas sindicais. Então, basicamente, o meu passatempo da sexta-feira de noite era ficar no pé do meu pai ouvindo as reuniões dos ativistas que se reuniam na cozinha e debatiam política, debatiam as estratégias do sindicato. Quer dizer, isso fez parte do meu crescimento. Essa noção, essa opção de lutar pelos trabalhadores, para que a vida dos trabalhadores fosse digna, fosse mais justa. E a luta contra o que? A exploração. Então, desde pequeno isso faz parte da minha vida, não só do ponto de vista político da família, de ser isso que a gente faz. Quer



¹ Entrevista realizada via *Google Meet* em 19 de maio de 2020. Confira a entrevista utilizando ou clicando no QR Code ao lado.

dizer, até por uma questão moral, por uma questão de justiça. É claro que todo mundo tem as suas perspectivas políticas, mas também era a questão moral. Isso era o justo, era a coisa mais importante para dedicar a vida.

Para dizer a verdade, isso vinha desde o meu avô, pois ele também foi da Aliança Nacional Libertadora em 1935². Foi preso, passou anos no presídio Frei Caneca, passou a vida lutando ao lado dos trabalhadores. Então, isso é uma coisa que vem de geração em geração. Então seria estranho se eu não optasse pelo estudo do trabalho. E quando eu comecei a pensar sobre o tema que a gente vai discutir, é um negócio estranho porque, diferente dos outros meninos de 10, 11 anos de idade, que gosta de brincar de bola, gosta de fazer aquilo e aquilo outro, no meu caso, eu me lembro com 10, 11 anos de idade, o grande negócio era participar de piquete de grevistas para ajudar. E eu achava aquilo maravilhoso porque era uma forma de mostrar solidariedade com gente que era muito parecida com a gente, que sofria os mesmos problemas.

Até meus 10, 12 anos de idade, nós morávamos nos Estados Unidos. Meu pai se aposentou cedo e nós viemos para o Brasil, no início da década de 70, sob a ditadura. Eu já estava na escola secundária, engajado em movimentos secundaristas, contra a ditadura, a favor da democracia. E acabei indo para o curso de História na UFF. Fiz o vestibular e passei para o curso de História na UFF, sem ter muito claro qual era a área de pesquisa que eu ia exercer. Claro que a maioria dos estudantes de graduação, quando entra na Universidade, nem sempre tem a área à qual vão se dedicar, mas com essa bagagem de atividade política...

Bom, eu passei, acho, que dois anos na UFF e saí para ser ativista sindical. Para ir participar do movimento operário. Naquele momento, a luta pela democracia no Brasil era tão importante e a participação dos trabalhadores era central! O ponto que ia dar a mudança qualitativa para derrubar a ditadura era que o movimento sindical tivesse se organizado. Então eu deixei a Universidade e fui ser metalúrgico no Rio de Janeiro e ativista no movimento de oposição sindical, dentro dos sindicatos metalúrgicos no Rio de Janeiro. E continuei sempre, mesmo depois de deixar de ser metalúrgico,

2 A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma organização política fundada pelo Partido Comunista do Brasil em 1935.

com essa preocupação de como eu participaria, sempre o que vinha primeiro era meu engajamento com o movimento sindical.

Com a volta da democracia e a crise econômica muito grande, já com uma esposa e três filhas, eu resolvi voltar para os Estados Unidos porque eu precisava achar um meio de ganhar a vida. E voltei para Nova York, fui trabalhar como metalúrgico, e depois de um ano, assumi a posição de delegado sindical de fábrica onde trabalhava, e mais tarde secretário executivo do sindicato e, finalmente, assumi o cargo de administrador do Fundo de Benefícios Médicos e de Pensão do sindicato. Primeiro para delegado sindical por onde eu trabalhava. Um dia eu estava no sindicato pegando a correspondência e tinha um negócio assim: “volte a estudar”, não sei o que. “Trabalhadores que não concluíram seus estudos, voltem para a Universidade Estadual de Nova York”. E eu fui. Era uma coisa que eu sempre queria fazer, e aí eu fui e fiquei apaixonado nesse negócio de estudar História! Tinha botado essa paixão de lado por um tempo por outras questões, criar minhas filhas e achar como ganhar a vida, essas coisas todas. Aí, quer saber? Pelo menos o curso de graduação eu vou fazer. E na medida que eu fazia, eu fui me apaixonando.

Eu podia ver muitas das questões que eu tinha vivido sob a ótica, sob a perspectiva histórica, do ponto de vista histórico sobre aquelas mesmas coisas que eu via, mas não tinha noção de que eles tinham uma trajetória histórica também. E isso nos Estados Unidos isso foi muito desenvolvido. Nessa época, inclusive, havia muita produção acadêmica sobre o movimento operário, sobre o movimento sindical. Antes, a história do movimento sindical e operário tinha uma visão muito limitada e tradicionalista, de que o movimento sindical e o estudo do movimento operário era simplesmente estudar sindicato, mas havia, nesse período que eu voltei para a Universidade um novo grupo que dizia o seguinte: “O movimento operário não é só estudar o movimento sindical, é estudar o mundo em que o trabalhador vive, seja na comunidade, na cultura, seja nas suas

“O movimento operário não é só estudar o movimento sindical, é estudar o mundo em que o trabalhador vive, seja na comunidade, na cultura, seja nas suas lutas dentro de fábricas”.
Então, havia aberto uma perspectiva muito mais ampla sobre o que era fazer a história do movimento operário.

lutas dentro de fábricas”. Então, havia aberto uma perspectiva muito mais ampla sobre o que era fazer a história do movimento operário. Eu abracei isso e achei maravilhoso! E na medida que eu ia chegando perto de concluir a graduação, eu pensava “eu gosto muito de estudar, eu gosto muito de fazer pesquisa. É isso! Eu vou fazer a pós-graduação, mestrado...”.

Eu queria ver uma perspectiva que não fosse tão tradicional e, ao mesmo tempo, na graduação eu tinha lido muito os trabalhos do Eric Hobsbawm e eu descobri que havia um programa de pós-graduação em que ele dava aula, em Nova York. Aí eu disse: “pronto, é ali que eu quero estudar!” E era no New School for Social Research. Aí, eu fiz a seleção e passei primeiro para o mestrado. Só que ali o curso era um pouco diferente do curso de História tradicional porque, primeiro, ele era transdisciplinar. Quem quer estudar História, não pode estudar só História. Ela tem que ser estudada aliada a uma outra ciência social. Então, no meu caso, eu estudei, tanto no mestrado como no doutorado, e tenho o diploma em Ciência Política e em História. Você tinha que desenvolver um trabalho histórico ou um trabalho de Ciência Política, mas com uma perspectiva histórica. E o trabalho de História não podia ser a narrativa, tinha que ter, no plano de fundo, um debate político que você ia contribuir. Não tinha outra coisa que eu pudesse estudar que fosse tão parte da minha vida mesmo!

Eu me lembro que em uma das primeiras aulas no mestrado, a professora estava falando que muitos cientistas americanos argumentam que classe social não é uma questão importante nos Estados Unidos porque ela é, historicamente uma coisa...

Telma: Ultrapassada?

William: É. Existia nos Estados Unidos uma ampla possibilidade de mobilidade social. Então, que classe não influencia tanto na política americana. E eu fiquei ofendido com aquilo. Eu acho que foi uma das primeiras aulas que eu tive sobre Ciências Políticas e eu fiquei ofendido porque isso vai contra tudo, a minha experiência histórica da vida toda. Ela ficou um pouco surpresa que eu ficasse ofendido. Mas então parte da minha atividade na pós-graduação era justamente rebatendo esses argumentos, era olhando, do ponto de vista histórico, como rebater esses argumentos.

Jerfson Lins (SertãoCult): Professor, você pode falar um pouco como foi o desenvolvimento dessa pesquisa?

William: Sim. A pesquisa inicial do doutorado, na verdade, começou na graduação. Porque, como existe no Brasil, o trabalho final da graduação é a monografia. E aqui eles chamam de trabalho final de curso, que é uma pesquisa. Como era o curso de História, obviamente era uma pesquisa. E eu me lembro, conversando com um professor de História na graduação, eu dizendo “olha, eu não sei o que escrever, como é que se faz isso?” Porque eu estudei tanto na graduação como na pós-graduação, o tempo todo trabalhando no sindicato. Então, eu ia para a escola e voltava para o sindicato. Aí, conversando com ele, ele disse assim: “olha, outro dia a gente estava batendo papo e você comentou sobre essa atividade do seu pai no movimento sindical no porto de Nova York. Por que você não pega uma parte daquilo e escreve sobre aquilo? Mas do ponto de vista histórico, você não vai me escrever a biografia do seu pai não! Eu quero que você faça uma pesquisa sobre aquilo e apresente como trabalho final”. Aí eu disse: “tá bom, eu vou fazer”.

A partir daí é que começa. É como se você abrisse uma caixa de coisas que você só via quando era criança. E aí você começa a ver o impacto histórico que tudo aquilo tinha. E aí você vai para os arquivos, vê os jornais, vai para os arquivos do sindicato e vê o impacto de tudo isso. Vai para os arquivos, que têm muitos e são muito bons, do movimento operário e sindical, principalmente em Nova York, que tem vários. Aí, na pós-graduação, digamos que eu comecei a introduzir as pesquisas e os debates políticos de cunho teórico que havia sobre a estrutura política dos Estados Unidos, além do impacto que essa estrutura tem para limitar e constranger, impedir o avanço do movimento operário-sindical. Para dizer que não era na verdade o meu argumento, era contradizendo esses cientistas políticos e alguns historiadores dizendo o seguinte: “Não, não! Não é porque a classe social não tem impacto. É que você tem uma estrutura social, uma estrutura política que impede que os trabalhadores façam valer sua vontade e sua voz. Você limita o movimento sindical, você constrange a organização operária, você impede que os trabalhadores consigam se organizar, e depois você vem dizer que os trabalhadores não têm consciência de classe e organização de classe”.

E aí o que começou como uma pequena pesquisa na graduação, culminou na minha tese de doutorado, que era olhar o movimento sindical no porto de Nova York, olhar as atividades da oposição sindical, analisar a atividade do sindicato e o papel do Estado em limitar e tentar controlar a atividade e os avanços do movimento social no porto. Basicamente é isso. É olhar a questão de classe através da estrutura de poder. Como o poder político é estruturado nos Estados Unidos para limitar e conter o avanço do movimento sindical, a organização do movimento sindical.

Telma: Como foi, a partir da sua experiência de ser um trabalhador, de ser um ativista sindical e político, e também atuar dentro de uma Universidade, dentro da academia, estudando exatamente isso, a atuação do movimento operário, inclusive discutindo categorias como trabalho, como classe social, isso em Nova York? E como é que foi esse seu contato com a Universidade no Brasil, pós-democratização? Porque nós sabemos que na História do Brasil, pra gente sair da ditadura militar e o processo de redemocratização, os operários tiveram uma importância fundamental. Então, como foi esse seu contato, essa sua experiência aqui no Brasil, dentro da Universidade e também com os movimentos?

William: Claro, eu passei 30 anos no Brasil como ativista e fazendo política, e então, por conta própria, eu tinha muitos contatos, muitas pessoas que conhecia. Em 2003 eu fui contratado pela Universidade de Indiana, como professor aqui no departamento de estudos do trabalho, que ninguém no Brasil sabia o que era isso porque no Brasil não existia isso. E é um departamento transdisciplinar, composto por economistas, cientistas políticos, historiadores e sociólogos. E todos com seus objetos de pesquisa voltados para o mundo do trabalho.

Em 2004, por acaso, a universidade fez uma conferência sobre Pedagogia, comunidades de aprendizagem e como se dava no meio operário, e convidaram dois brasileiros para participar da conferência, um era ativista da CUT³ e tinha sido metalúrgico também. Então a gente tinha muita coisa em comum. E a outra era uma pedagoga que tinha muita experiência nesses programas de educação de adultos. E a universidade me pediu para eu ser o tradutor porque eles não falavam inglês e ninguém na universidade falava português. Aí eu fui. E a partir daí eu conversei mais com o rapaz

3 Central Única dos Trabalhadores.

que vinha da CUT e a gente começou a conversar sobre os tempos do passado, as greves e tal. E ele disse assim: “Você não quer fazer um programa internacional para trazer seus alunos para cá?”. Porque eu dizia para ele que a grande dificuldade que a gente tinha com alunos dos Estado Unidos é que eles, no meu modo de ver, poderiam ter mais criatividade ao olhar as coisas. Eles tinham uma dificuldade imensa, eles tinham acesso aos meios de pesquisas, tinham computadores pelos corredores da universidade para eles acessarem internet, uma biblioteca enorme, uma das maiores do mundo, mas que na pesquisa lhes faltava um pouco de criatividade. Era bom que a gente criasse um programa que lhes possibilitassem ver como a luta social e a luta sindical se davam no Brasil. Então, durante quatro anos, entre 2004 e 2007, eu levava meus alunos para o Rio Grande do Sul e eles participavam de debates com a CUT, com o sindicato dos metalúrgicos, com pessoas envolvidas com a economia solidária, ou seja, com os movimentos sociais mais diversos. Para mostrar para eles como era vibrante e como pessoas com poucos recursos podiam mover montanhas, que podiam mover 500 anos de opressão em um gesto baseado nas noções de solidariedade, de consciência de classe. E os alunos adoravam, né? A gente tinha fila para eles participarem. E para mim era ótimo porque eu conseguia, uma ou duas vezes por ano, voltar para o Brasil, e fazia contatos, o que facilitava acompanhar as transformações que estavam acontecendo. No fundo, no fundo, eu dizia que ia achar um jeito de voltar para o Brasil. Em 2009 eu disse assim “quer saber? Eu vou para Brasil. E eu vou começar a fazer contatos pra ver se eu posso desenvolver essa mesma atividade que eu tenho aqui, no Brasil”.

A escolha pelo Ceará é puramente pessoal. Eu tinha me separado da minha ex-esposa e o único lugar no Brasil em que todas as minhas filhas se juntavam, pois todas elas nasceram em Fortaleza, com exceção de uma, que nasceu em Nova York. Mas todas elas, uma vez por ano, iam a Fortaleza para visitar os avós, as tias, e eu disse assim: “eu vou pra Fortaleza porque parte da minha vida de ativista passou-se em Fortaleza, no Ceará, no Nordeste, mas morando no Ceará”. Então, era uma cidade que eu conhecia, mas que também era uma cidade que eu sabia que eu poderia ver minhas filhas. Uma vez por ano a gente se juntaria. E fiz contato, eu tinha conhecido já por outras vias algumas pessoas na UFC, mas que a partir daí eu participei da coordenação do Encontro Nacional da ANPUH, que foi

onde eu conheci as pessoas da UECE. E aí, eu dizia assim: “Eu tive essa ideia de formar esse grupo de pesquisa e que podia se relacionar, inclusive, com a Universidade de Indiana e desenvolver essa relação entre as duas universidades”. E recebi o apoio do departamento de História, que eu estava conhecendo naquela hora, mas eles acharam ótimo. E a partir daí, nós fomos desenvolvendo essa relação e procurando outras pesquisas.

Uma das questões que mais me chamaram a atenção a partir daí, que eu comecei a olhar e a me entregar, foi a existência da Legião Cearense do Trabalho. O fato de que muito da historiografia, inclusive a brasileira, dizia que o Integralismo e esses movimentos eram fundamentalmente de composição de classe média, mas o fato é o seguinte: quanto mais eu pesquisava, eu via que eles ofereciam e tinham desenvolvido uma perspectiva que atraía grandes setores da classe trabalhadora. Então, como era isso? Essa relação desses movimentos de direita, os fascistas, e como é que atraíam e como eles conseguiam atrair setores da classe operária? E no Ceará, essa temática, esse objeto de pesquisa oferecia mais recursos para entender devido à existência, a organização e a influência que a Legião Cearense do Trabalho tinha na organização do que é o movimento sindical do estado. Então, para mim isso foi um grande laboratório para entender como se mescla a política com a consciência nesse debate sobre consciência de classe e organização política da classe trabalhadora fora dessa perspectiva de esquerda, porque a gente sempre acha, por alguma razão, por osmose, que os trabalhadores vão gradativamente gravitar para a esquerda. E isso não necessariamente acontece.

Cosma Araújo (SME - Sobral): Como você vê a produção acadêmica referente ao trabalho no Brasil e quais conselhos você daria para as pessoas que têm interesse em iniciar ou que estão pesquisando os trabalhadores, nessa temática do mundo do trabalho?

William: Nos Estados Unidos, enquanto existem muitos recursos para fazer pesquisa, eu acho que no Brasil, a pesquisa sobre os mundos do trabalho nunca esteve tão rica, inclusive, apesar do golpe⁴ e das mudanças dos últimos 3 ou 4 anos. Durante muitos anos, depois em 2004, 2005, 2006, se você vir a produção acadêmica nessa área dos mundos do trabalho, muito do que se pesquisava era justamente voltando a buscar quais fo-

4 Golpe jurídico-parlamentar que culminou no impeachment da presidente Dilma Rousseff.

ram as reações organizadas dos trabalhadores contra a ditadura, em meio à própria ditadura. E isso enriqueceu porque, por muito tempo, o que se achava, o que a historiografia dizia era que não havia movimento operário-sindical durante a ditadura, só existiu movimento estudantil e movimentos da classe média, o que não era verdade. O que você vê ao longo da ditadura são as tentativas da classe trabalhadora de se organizar, enfrentando a repressão, muitas vezes com muito menos recursos do que outros setores da sociedade. Mas, mesmo assim, constantemente confrontando.

Independentemente do quadro político que a gente está vivendo hoje, você vê a riqueza da produção acadêmica desses últimos 20 anos sobre o trabalho e os trabalhadores no Brasil. Ela nunca esteve tão rica, mesmo que a gente tenha de lutar, o que é um negócio que eu acho que é mundial, contra a falta de recursos para a pesquisa, principalmente na área de humanas. Mas isso não é por acaso. Isso, em si, já é uma opção política que está sendo feita para tentar conter esse tipo de pesquisa, que gere esse tipo de discussão na sociedade. Então eu acho que tem um papel enorme, eu acho que tem muitas questões que não de ser discutidas. Eu mesmo tenho uma daquelas pesquisas que a gente vai e volta, e nunca termina, mas que a cada dois ou três meses, dá uma busca, acha uma coisa, até um dia que vai sentar e tentar buscar sentido para aquilo. Ela é sobre o movimento operário no Rio de Janeiro, na década de 70.

Porque esse negócio, muitas vezes, e os historiadores também são um pouco culpados disso, porque a gente escreve, não só sobre o movimento operário, movimentos sociais, movimentos políticos, e uma certa hora diz assim: “Porque isso surgiu”. Mas as coisas não surgem do nada. Os movimentos sociais surgem, o movimento sindical surge, os movimentos de reivindicações surgem a partir da ação e do trabalho que vem sendo feito. E muitas vezes, quando a gente estuda o mundo do trabalho, essa particularidade, o preparativo nunca é discutido. Nós partimos do resultado. E o preparativo às vezes é mais importante do que o resultado porque envolve debates e tempos e contratempos que muitas vezes não são considerados. Então, essa é a parte que eu quero olhar. Eu acho que a gente devia voltar, inclusive questões que já foram pesquisadas, voltar a olhar com esse olhar. O que levou àquilo? Por que essas opções foram feitas? Essas são perguntas que a gente não faz com muita frequência.

Fannuel Santos (UVA): Quando o senhor foi fazer essas pesquisas, tanto no mestrado quanto no doutorado, quais foram as principais dificuldades que enfrentou no trato com as fontes?

William: Olha, eu vou contar uma história para vocês verem como é que essas coisas vêm. Eu estava no primeiro ano do mestrado e tinha uma conferência internacional da Universidade da cidade de Nova York, com gente vindo do mundo todo para falar sobre trabalhadores e do movimento sindical, mas principalmente do ponto de vista dos imigrantes italianos que participaram do movimento sindical nos Estados Unidos. E parte da minha pesquisa sobre o porto de Nova York era nas comunidades italianas no Brooklyn, que eram estivadores, que dominavam sindicatos, que tinham controle... Um professor disse: “você tem que começar a apresentar seu trabalho em conferência, você nunca fez e isso faz parte da vida acadêmica. Por que você não escreve uma proposta pra participar dessa temática, usando aquilo que você já pesquisou na graduação e essa parte que você já desenvolveu no mestrado?” Aí eu disse que eles nunca aceitariam, mas inscrevi assim mesmo. E para minha surpresa - eu era um simples estudante de mestrado ainda, não era nem de doutorando -, a proposta foi aceita.

Então, o professor virou para mim e me disse que queria saber onde eu tinha arrumado essas fontes. E eu disse: “professor, eu vou lhe contar a verdade, eu ainda estou com dificuldade de achar as fontes que eu preciso para fazer um argumento mais consistente, porque eu sei que existem, só não sei onde achar”. Aí ele disse: “olha, por que você não procura no arquivo do deputado fulano de tal? Porque ele era muito presente em apoio a esse movimento sindical e ele pode ter alguma coisa”. Aí eu disse: “tá bom”. Mas sempre com um pé atrás, pensando que esse troço não ia dar certo. Aí fui na biblioteca central, peguei os arquivos do deputado e havia uma caixa inteira só de documentos daquilo que eu estava propondo pesquisar.

Eu aprendi que muitas vezes a gente pergunta às pessoas sem achar que vai ter as repostas, mas vêm uma sugestão que vem a calhar e que é justamente o que a gente estava precisando. Então, muito da pesquisa, eu acho que em parte é dedicação, é você se concentrar e se debruçar sobre determinada coisa, mas ao mesmo tempo, uma parte do processo de pesquisa é você divulgar o que você está fazendo, buscando ajuda, pois ela é sempre feita com o apoio de muitas pessoas. E se a gente estiver tímido, a

pesquisa fica pobre por causa disso. Eu acho que essa é a grande questão.

Outra vez foi no doutorado, pesquisando no arquivo do movimento operário da Universidade de Cornell, no interior do estado de Nova York, e conversando com a bibliotecária, disse que eu queria pesquisar um arquivo de um professor que havia lecionado na universidade e era muito envolvido nesse trabalho de negociação sindical, no porto, essas coisas. Aí eu disse: “olha, eu queria olhar o arquivo do professor”. Ele já tinha morrido fazia anos. Aí ela disse assim: “olha, eu faço um acordo com você. Nós temos as caixas do professor, mas nós não sabemos o que está dentro. Então eu deixo você olhar todo o arquivo do professor, até designo alguém para lhe ajudar, mas você vai me dizer o que tem dentro de cada caixa pra depois a gente poder organizar”. Aí eu disse que estava de acordo, e também achei uma tonelada de documentos que eu estava precisando, específico do que eu precisava.

O problema é que a gente não pode esperar, eu acho que tudo isso foi feito em uma época em que internet mal existia. Então, era muito mais a gente batendo perna de um lugar para o outro, de um arquivo para o outro, havia muito pouco. Internet era mais um meio de comunicação de e-mails do que de pesquisas, de achar arquivos digitalizados, essas coisas são muito mais recentes. Então, eu consegui. Quer dizer, eu acho que muito da pesquisa é com quanto mais gente a gente fala, com quanto mais pessoas a gente se comunique. Esse é o essencial, porque sempre vai haver alguém que vai dizer “ah, procure ali”, que vai fazer sua pesquisa mais rica.

Jerfson: Como o senhor analisa o atual momento do trabalhador, no qual o sindicalismo passa por um momento de desagregação?

William: Eu acho que um dos grandes problemas de quem estuda o mundo do trabalho, que estuda principalmente movimentos sindicais e associações, é exigir uma resposta única, como se os trabalhadores fossem

Então, muito da pesquisa, eu acho que em parte é dedicação, é você se concentrar e se debruçar sobre determinada coisa, mas ao mesmo tempo, uma parte do processo de pesquisa é você divulgar o que você está fazendo, buscando ajuda, pois ela é sempre feita com o apoio de muitas pessoas. E se a gente estiver tímido, a pesquisa fica pobre por causa disso.

um grupo monolítico, que todos vão ter a mesma resposta. Eu acho que por pior que seja o atual momento político, mais repressivo e mais virulento que seja, ele também ajudou a trazer à tona, ou trazer à claro, quais são as nossas deficiências. Quais são as dificuldades que ainda tínhamos. Eu acho muito engraçado que se você olha as discussões políticas que, por exemplo, aconteciam principalmente entre 2009 e 2011, muitos dos analistas políticos diziam ou apontavam que nós tínhamos de olhar qual o futuro que teríamos após o neoliberalismo. Que a gente já tinha passado, superado, já tinha derrotado o projeto neoliberal. E o que a gente vê na atual situação é que nós, de certa forma, nos enganamos. Nós não tínhamos superado coisa nenhuma, muito pelo contrário. Ele voltou com mais virulência, de uma forma mais autoritária e mais violenta do que havia antes. Então, isso demonstra de certa forma as deficiências que a gente tinha antes, de não reconhecer a capacidade do neoliberalismo de se transformar de uma coisa em outra, que não fosse aquele neoliberalismo “água com açúcar” do Fernando Henrique [Cardoso]. Que ele pudesse se transformar em um projeto tão autoritário e tão violento como está sendo, e de achar que a gente já tinha superado, que a gente já tinha ultrapassado isso, quando, de fato, ele estava simplesmente procurando uma forma de se reerguer, de se reapresentar para a sociedade. E como ele não conseguiu ganhar por via dos bens democráticos, inventou outra forma. Mas a doença é a mesma, só que ela volta de forma mais grave, destruindo instituições.

Eu estava vendo uma entrevista hoje de manhã, de um cientista neurofísico, e ele disse, parafraseando Hannah Arendt: “A grande problemática das ditaduras não é só o descumprimento das normas, de acabar com as instituições e normas de convivência democráticas, mas a grande dificuldade é quando a noção de verdade e mentira acabam se igualando no discurso político”. E é o que a gente tem hoje, é o Trump, é o Bolsonaro, que falam as maiores bobagens e ainda conseguem que ninguém diga que não é verdade. E ainda há setores da população que vão dizer que é verdade. Porque Bolsonaro disse, ou porque Trump disse.

A pandemia aqui nos Estados Unidos, por que ela se alastrou tanto pelos Estados Unidos? Nós temos hoje um milhão e meio de pessoas contaminadas, e desses, noventa mil, até 1º de julho, a estimativa é que mais de cem mil pessoas vão morrer. E se você pensa em termos de mortalidade de guerra, isso é muito mais do que se faz em uma guerra

em tão pequeno espaço de tempo, proporcionalmente, mas você tem um presidente que se acha capaz de ditar normas médicas, e ele não tem nem o segundo grau completo. E as pessoas vão acreditar, né? Mas isso tem uma função, não é só porque ele é doido. Porque por trás dele está o objetivo de que prevaleçam os interesses do mercado, de que os interesses do capital devem prevalecer sobre a vida das pessoas. É esse o objetivo deles. Eles não são doidos, nós é que somos doidos se acharmos que o objetivo é outro. Não é. Havia políticos que diziam que se tiver que sacrificar a vida dos velhos para salvar a economia, então que seja.. Ele vai sacrificar a vida da mãe dele, entendeu? Mas essa que é a lógica do mercado.

E a grande problemática hoje é como enfrentar essa lógica, é como derrotar essa lógica. Eu acho que no Brasil tem mais condições do que aqui. Eu acho que, primeiro, vocês têm a experiência dos últimos 20 anos, que não é apagada. Vocês têm um nível de organização, inclusive das forças políticas progressistas, de esquerda, que é muito maior, muito mais influente do que aqui. Olha, aqui, como na Inglaterra com a derrota do [Jeremy] Corbyn, e aqui a derrota do Bernie Sanders, eles não foram derrotados nem pelo grande público, foram derrotados por parcelas dos seus próprios partidos. Que é muito diferente do nível da luta política que acontece no Brasil. Eu acho que a grande derrota foi a nossa incapacidade, primeiro, de entender o que vinha no passado, e segundo, que um impeachment não vai resolver. Ele pode aliviar, pode trazer uma nova questão para dentro da política, mas não podemos acreditar em soluções imediatas. Para resolver isso que aconteceu no Brasil, vai levar anos.

Se quer pegar uma experiência do passado, e o movimento pela democracia no Brasil, na década de 70. Enquanto ele se mantinha dentro da Universidade, dentro dos limites da reivindicação publicamente, pelo menos, da classe média, ele não foi pra canto nenhum. No momento que o movimento sindical brasileiro, principalmente em São Paulo, quando o movimento sindical entrou em cena na luta pela democracia, houve uma mudança política qualitativa para o movimento pela democracia no Brasil que nunca se havia visto. E é isso que nós precisamos. Eu acho que sobretudo, devemos ser criativos. Eu sempre acho que quando a gente vê que uma coisa não está funcionando, a gente tem que parar e pensar em outras formas, e parar de insistir no erro.

Então, por exemplo, a gente viu ao longo desses último 2, 3 anos, em vários momentos, que foram capazes de paralisar o Brasil com essas greves massivas que houve. Mas isso não foi suficiente para impedir o que houve. No final das contas, com tudo isso, paralisando o Brasil, organizando passeata, está faltando alguma coisa, porque eles conseguiram, com tudo isso, implementar a reforma trabalhista, implementar a reforma política, acabar com a CLT, que desde 37 está em vigor. Então, a gente tem que perguntar o que está faltando? No quadro político o que está faltando? Quer dizer, a unificação vai se dar e você também tem que entender que sempre, na política, você tem que lidar com vários sujeitos diferentes. Uns que têm interesses próprios, projetos políticos pessoais, outros que têm projetos políticos diferentes e a unidade vai se dar a partir do movimento real e concreto, e não a partir de uma proposta que a gente traga tudo junto, para cantar junto, isso não vai resolver nada se estamos cantando só para nós mesmos. Quer dizer, a gente está cantando para o estádio vazio. Eu acho que na esquerda, muitas vezes, a gente é nosso próprio inimigo, a gente é inimigo de nós mesmos.

Havia um ditado do Amílcar Cabral, que no meio da guerra anticolonialista, perguntaram para ele sobre o socialismo na África e ele disse: “Eu quero deixar um negócio claro: o povo não quer saber de socialismo não. O que o povo quer saber é se nós temos uma proposta política que melhore a vida deles”. A questão do socialismo, de qual governo nós vamos ter, isso vai vir a partir do momento que o povo está convencido das nossas propostas. Temos uma proposta muito básica, de que isso vai melhorar a vida deles. Porque não podemos achar que vamos ganhar a grande massa do povo com essas discussões estratosféricas, sem que essas discussões resolvam as questões do dia a dia deles. Porque foi nisso daí que a direita foi capaz de ganhar espaço naqueles últimos anos dos governos do PT. Foi nossa incapacidade de mostrar, não só como a vida tinha sido melhorada, mas o que se vinha apontado para o futuro. E aí nós perdemos, inclusive, o discurso político, a discussão política. “Hoje é bem melhor do que o passado”. Mas para manter o povo unido, mobilizado a seu favor você tem que convencer de que o futuro também vai ser melhor. Naquele momento, nós perdemos a discussão e agora, meu filho, vai ser Zé pra tirar esse cara daí.

Telma: Professor, diante desse avanço do neoliberalismo, como o trabalho influencia a organização social no momento em que temos milhões de desempregados?

William: Eu acho que quando a gente fala de organização dos trabalhadores, a gente não pode pensar simplesmente na estrutura sindical ou na organização sindical. Eu acho que essa é uma parte fundamental e central, mas dela podem e devem sair formas de organização que mobilizem os trabalhadores que não estejam em locais formais de trabalho. Eu acho que essa é uma das dificuldades, uma das problemáticas. Um dos componentes ou uma das questões centrais desse neoliberalismo é justamente o fim do trabalho formal, empurrando milhares de trabalhadores para o trabalho informal, esporádico. Eles gostam de chamar de flexível, que de flexível não tem coisa nenhuma. É precário mesmo! Entender que vai ter que existir um esforço por parte das forças progressistas, inclusive, principalmente dos sindicatos, de organizar esses trabalhadores que estão em áreas de trabalho precário. Se não fizer, nós vamos estar praticando a exclusão política de uma camada de trabalhadores cada vez mais importante. E esse trabalho vai ter que se dar de duas formas, pelo menos de duas formas: uma é nos locais onde se congrega, mas também entender, eu acho que fundamental a partir de organizar os trabalhadores nos locais de moradia. Porque justamente a informalidade dispensa esses trabalhadores, muitas vezes que trabalham sozinhos ou em grupos pequenos, aí a necessidade de relembrar inclusive que nada disso é novo. O problema é que nada disso é novo, é porque teve uma parte que deixamos de fazer e vamos ter que voltar a fazer.

Noutro dia eu estava revendo uns vídeos de documentários sobre a greve de 78 em São Bernardo do Campo. Inclusive, era um documentário que olhava especificamente na estrutura da greve, na organização da greve. E uma das coisas principais é que os trabalhadores foram organizados dentro dos seus bairros. Quer dizer, a vitória da greve tanto foi uma vitória da organização dentro do centro produtivo, como também nos centros onde eles moravam. Tanto que a organização e a forma de impedir os trabalhadores de entrar na fábrica não acontecia na porta da fábrica, onde podia haver embate. Esse trabalho estava sendo dado nos pontos de ônibus e nos bairros operários que circundavam. Então, essa é o nível de organização que nós precisamos voltar a ter em nível nacional. Ter o esforço coletivo que dê um salto qualitativo para dar um fim a Bolsonaro.

Eu acho que a eleição é importante, mas se a gente quer participar e ter uma resposta positiva do ponto de vista eleitoral, nós temos que mudar a qualidade da nossa organização não só no partido, como nos bairros e nos locais de trabalho e lazer.

Eu acho que a eleição é importante, mas se a gente quer participar e ter uma resposta positiva do ponto de vista eleitoral, nós temos que mudar a qualidade da nossa organização não só no partido, como nos bairros e nos locais de trabalho e lazer. Isso não é novo. Nós sabemos como isso funciona. Nós já temos um monte de exemplos históricos de como fazer isso. O bairro é o lugar, é o momento em que o trabalhador pode discutir sem pressão, porque ele está dentro da sua casa, na associação... Então, ele não tem a pressão do tempo exercido da pressão, a pensar. E isso por um lado, que eu acho que é o essencial que nós perdemos.

A segunda coisa é entender que nós vamos ter que enfrentar nesse debate, principalmente e sem medo, não ficar conversando com gente que concorde com a gente, e sim, ir para o debate com pessoas que justamente estão votando no Bolsonaro e tentar mostrar para eles o mal que estão fazendo. E isso é difícil, é uma discussão que dá azia nos melhores dos dias. Eu sei, mas olha, você quer ver um negócio? Eu tive antes de o Bolsonaro ser eleito, eu acho que uns quatro meses antes da eleição, eu estava ali no interior do Ceará e topei com um cara, e você via que ele ia apoiar o Bolsonaro, e eu me sentei com ele no botequim e comecei a conversar. E ele, muito claro, dizia que “esse aí é o jeito do capitalismo desenvolver”. E não era um cara muito educado, mas ele tinha visto, em algum lugar, que era o jeito que o capitalismo devia funcionar, essa forma virulenta, sem direitos, sem mobilização. E eu: “meu amigo, deixa eu lhe dizer uma coisa...” E eu fui conversando com ele, mostrando que, justamente, quando o capitalismo melhor se desenvolvia era quando todo mundo estava contemplado. O problema é justamente o contrário. Se você quer acabar com o capitalismo, é tentar acorrentar as pessoas, é tirar os seus direitos, é impor o medo.

Qual era o grande negócio do [Franklin Delano] Roosevelt? A vitória do Roosevelt durante a Depressão de 1929. Ele não era um socialista alopchado, nada disso! Ele estava salvando o capitalismo deles mesmos. E ele dizia “meu amigo, eu estou salvando essa porra de vocês mesmos!” Então,

favorecia os trabalhadores? Favorecia em muitos pontos. É um ponto mais rico, onde se havia mais expansiva organização sindical, mas também se havia uma produtividade econômica enorme, uma renda que se resultou no que se dizia, a aura econômica dos Estados Unidos foi em função dessas reformas que o Roosevelt fez, justamente contra a própria vontade do capital. Eu não sei de onde é que se diz, como se perpetuou... Aí eu volto para a Hannah Arendt, que as pessoas acabam acreditando na própria mentira. A diferença entre a mentira e a verdade acaba perdendo, de achar que esse é o rumo de maior desenvolvimento econômico, de maior bem-estar social para todo mundo, que justamente é o contrário. Eu tinha um velho amigo sindicalista de muitos anos atrás, que era inclusive antes de 64. Era um velho. Ele era dirigente do CGT⁵ e dizia o seguinte: “rapaz, esse negócio de quanto pior é melhor é a maior alucinação. O quanto pior é pior mesmo, não é melhor! O que é melhor é quando a gente cria condições para organizar a classe operária, para dar bem-estar, para dar condições de vida para que o povo possa se organizar. É esse o problema.

Esses pastores evangélicos tiveram e têm um papel muito danoso. Eu não digo nem só na política, mas em como enfrentar essa pandemia, por exemplo. Eles estão levando milhares de pessoas à morte com essa alucinação. Você quer ver? Quando eu estou no Ceará, eu fico a maior parte do tempo ali no Balbino, que é um pequeno vilarejo de pescadores entre Pindoretama e Cascavel. E ali, a cada rua tem uma igreja evangélica. Tem uma igreja católica grande, que é tradicional. Não tem padaria, mas tem umas 8 ou 10 igrejas evangélicas num negócio pequenininho desses! Todo mundo ali, eu acho que metade é evangélico, metade é católico, os dois brigam, um não confia no outro. Agora, quando foi essa última eleição do Bolsonaro, todo mundo, evangélicos e católicos, todos votaram no [Fernando] Haddad. Independentemente do que os pastores ou seja lá quem estava dizendo. Eu conversando com o dono da venda, que é quem sabe mais ou menos das fofocas e das conversas dali, e ele disse: “não! Aqui só teve um sem-vergonha que votou no Bolsonaro e a gente escorraçou ele da cidade”. Porque a vida para eles durante esses anos da Dilma e do Lula mudou de forma radical, que ninguém ia imaginar. Esse povo vivia, antes dos governos Lula e da Dilma, esse povo vivia em casa de sapé, com barro. Quando chegou o final do primeiro governo Dilma, não havia mais nenhuma casa

5 Comando Geral dos Trabalhadores.

de sapé, nenhuma casa de barro, nenhum problema de doença de Chagas, de malária, nada disso que vem com o [mosquito] barbeiro. Todo mundo tinha casa com azulejo, com tijolo, com água encanada. Então, é isso que ganha as pessoas, para ele dizer o seguinte: “a minha vida melhorou”. Pela primeira vez na vida, os meninos do vilarejo estavam indo estudar na UFC. Nunca ninguém tinha passado no vestibular e tinha ido pra Universidade, aliás, mal se concluía o segundo grau naquele vilarejo! Então houve uma mudança qualitativa e é isso que tem que haver.

Eu acho que a religião, a forma de combater essa ação nociva dos pastores é justamente com essas ações concretas. Porque esse tipo de modificação não se ganha com reza, se ganha com ação concreta, organizando gente, investindo dinheiro. O cara pode rezar na igreja que quiser, agora, no dia a dia, a melhora da vida dele se dá através da política. E aí a gente tem que saber separar as duas coisas.

Jerfson: Em sua fala o senhor reforça como a sua pesquisa anda ao lado da prática social. Nesse sentido, o senhor gostaria de deixar uma fala para os pesquisadores que estão iniciando essa caminhada?

William: Sim. Eu acho que ficou claro que ficou muito mais difícil para as pessoas que estão ingressando na academia hoje, não vamos nos iludir. Há uma série de coisas existiam antes e que não existem mais. Primeiro, nos cursos de pós-graduação, bolsas suficientes para todo mundo, para os alunos que são aceitos nas seleções. Segundo, e eu acho que aí é que a problemática é mais grave, por exemplo, se você entra, passa a seleção, faz a pesquisa aos trancos e barrancos, arrecadando dinheiro de onde não tem, aí se forma, não há um mercado de trabalho que sustente a formação dessas pessoas. Então, no Brasil, a grande dificuldade, que é a dificuldade que já existiu aqui há muito tempo e, adendado a isso, o problema do que aqui se chama dívida estudantil, quer dizer, mesmo nas universidades públicas, aqui se paga anuidade. Muitas pessoas, aqui nos Estados Unidos, se formaram, não conseguiram emprego, mas estavam lastreados em uma dívida enorme, de milhares de dólares que eles pegaram para pagar a faculdade, a graduação ou a pós-graduação.

A lógica disso era de que você vai fazer essa dívida, mas o mercado vai lhe fornecer o emprego que vai permitir que você leve sua vida adiante e

pagar suas dívidas. E o que aconteceu foi justamente o contrário. Não havia emprego que permitisse que esse povo pagasse essas dívidas, na sua grande maioria. E hoje em dia, a maior dívida que tem aqui nos Estados Unidos é a dívida estudantil, que milhares de pessoas não conseguem pagar, levando à inadimplência, à falência, à bancarrota milhares de famílias, ao ponto que, no auge da crise de 2008, 2009 tinha economista que oferecia o seguinte: “se a gente desse anistia à inadimplência da dívida estudantil acumulada, isso seria a maior injeção de dinheiro na economia, que tiraria a gente da crise”. Para você ver os bilhões e bilhões de dólares que os bancos amassaram para si em torno dessa questão da dívida.

No Brasil, eu acho que está se encaminhado um pouco pra isso, que vai ser um massacre. Primeiro, você reduz o financiamento público das universidades públicas, você oferece e promove a universidade privada e o fato de que, mesmo depois de se formar, não vai haver mercado de trabalho que possa comportar todo mundo com salários dignos que permitam que paguem essa dívida que têm acumulado. Esse filme eu já vi e o final é uma catástrofe. Tanto do ponto de vista individual para as pessoas, como do ponto de vista coletivo, para a sociedade. Isso não deve impedir as pessoas que queriam seguir a carreira acadêmica, fazer pesquisa, não deve intimidar. Não me intimidou.

Eu era o aluno não tradicional na pós-graduação, no doutorado. Eu tinha quatro filhos, eu trabalhava, eu não tinha 20 anos. E mais ainda, a universidade, por causa disso, achava menos um investimento para, por exemplo, me dar bolsa ou me dar desconto de anuidade. “Ele já é um cara mais velho, um cara de 30 e tantos anos”. Só que a vida prática se mostrou o contrário. Primeiro eu me formei antes de todos da minha turma justamente porque eu tinha que trabalhar, eu tinha que ser muito mais organizado e dedicado no pouco tempo que eu tinha para estudar, para fazer a pesquisa e tudo isso. Dois: eu fui o único da minha turma a ser contratado com emprego de professor antes mesmo de me formar. Todo mundo que se formou na mesma turma comigo, levou dois, três, quatro anos para finalmente encontrar um emprego. Obviamente que para a universidade, essa que é a medida de sucesso, que é o cara ser contratado antes de se formar. Eu antes mesmo de defender a tese de doutorado, já tinha um emprego. E finalmente, eu fui o primeiro da minha turma a ter a tese publicado como livro.

Então, o moral da história: a gente não pode se basear no que os outros estão fazendo, a gente tem que trilhar o caminho da gente. A vida acadêmica não é o caminho mais indicado para enriquecer. Não pense que você vai virar um milionário fazendo isso, que você não vira. Tem até uma camiseta antiga aqui da associação dos historiadores, que eu achava engraçadíssima, que era a imagem do Karl Marx e ele dizia assim: “Olha só, virei historiador, mas não sou milionário”. Quer dizer, eu estou na pobreza. É um pouco disso: a gente não pode achar que isso é um meio de ganhar dinheiro. A minha pesquisa, e eu acho que a pesquisa da maioria das pessoas que vão ser historiadores, ou que vão ser acadêmicos, é porque é uma temática, é uma questão que eles se sentem e que não tem como impedir. A pessoa que não tiver essa questão queimando dentro da alma, então é melhor ele ser outra coisa porque ele não vai ser um bom acadêmico.

Aquela raiva que eu senti quando a professora virou e disse que classe social não significava nada. Eu achei aquilo um absurdo, eu tinha que combater aquilo. Então, é um pouco disso que os acadêmicos têm que ter quando abraçam a sua pesquisa, e se fizer isso vão ser bons pesquisadores, vão ser bons acadêmicos e, eventualmente, essa situação vai mudar, e quando muda, eles vão estar prontos. E ser um bom acadêmico quer dizer que é uma pessoa dedicada à justiça social, à igualdade, ao fim da

A minha pesquisa, e eu acho que a pesquisa da maioria das pessoas que vão ser historiadores, ou que vão ser acadêmicos, é porque é uma temática, é uma questão que eles se sentem e que não tem como impedir. A pessoa que não tiver essa questão queimando dentro da alma, então é melhor ele ser outra coisa porque ele não vai ser um bom acadêmico.

desigualdade. Num país como o Brasil, há aquela velha história que quem tem olho é rei. Mas a lógica é que nós precisamos de pessoas mais instruídas, mais dedicadas à pesquisa, no Brasil isso vai ser essencial. Só assim para modificar as coisas. Se as coisas vão mudar, espero, de uma forma definitiva, da próxima vez, porque isso que tem hoje não é democracia não. Isso não faz parte da democracia não. Isso é um projeto autoritário a partir do grande capital. E não é só no Brasil, é aqui nos Estados Unidos, na Europa, muitas partes da Europa. Isso é uma coisa que nós vamos ter que derrotar e aí vai ser todo mundo.

Eu acho que nós precisamos debater mais, mas debater com o objetivo de mudar a situação. Durante a ditadura a gente tinha muitos debates no meio universitário e debatia, debatia, debatia até que um dia disseram: “olha, isso não está levando a coisíssima nenhuma. Vamos debater sim, mas vamos à ação. Então, em parte, no futuro temos que debater, mas debater com vistas também à ação de como vamos sair dessa problemática.

Entrevistadores

Cosma Silva de Araújo - Graduada em História- UVA. Mestre em História e Culturas- UECE. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará - UAB. Servidora pública.

Fannuel Santos Mesquita - Graduado em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Joannes Paulus Silva Forte - Graduado em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), em Ciências Sociais na modalidade Bacharelado pela UFC (2004), mestre em Sociologia pela UFC (2008) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2019) com cotutela no Département Droit, Intervention Sociale, Santé, Travail (DISST) do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM-Paris-França). É Professor Adjunto J da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É docente do quadro permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na associada UEVA.

Viviane Prado Bezerra - Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (Dinter UFF/URCA). Mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 274 páginas e em e-book formato pdf.
Maio de 2024.

Série
Território
Científico

Editora
**SERTÃO:
CULT**
10 anos

Uberização, gênero, trabalhadores tradicionais, trabalhadores da terra, o sindicalismo, desigualdades, diálogo, pesquisa, capitalismo, empatia. Cada uma destas palavras-chave é fundamental para aqueles que têm interesse pelos estudos acerca do mundo do trabalho. Mais ainda: são temas fundamentais para cada um de nós, trabalhadores, inseridos em uma sociedade em constante transformação, nem sempre (ou quase nunca) para melhor.

Pensando nisso, a série Território Científico uniu neste seu 5º volume entrevistas com 11 pesquisadores que se dedicam há anos ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Para melhor conhecermos nossa sociedade, nada melhor do que conhecermos aquilo que a move: o trabalho. Por isso convidamos vocês, caros leitores, a refletirem conosco sobre nossa realidade, que é primeiro passo para que possamos tornar essa transformação mais justa.

ISBN 978-655421130-7



9

786554

211307

Editora **SERTÃO:
CULT**